

o Livro vivo do Êxodo



**aquele pequeno Moisés
no arame farpado...**

«Continuamos a contar-nos esses mitos, em diferentes latitudes e em distintas línguas, porque sabemos que aquela fronteira nos pertence, está dentro de cada um de nós, que cada uma daquelas mulheres poderia ser um de nós, que cada uma daquelas crianças é um pequeno Moisés, *salvo das águas* e que, para além de cada rio, poderia haver a nossa mão a resgatar aquele jovem náufrago, a caminho da sua terra prometida», escreve VIOLA ARDONE, em artigo publicado por *La Stampa*, 21-08-2021.

AS MÃOS SÃO UM RIO E OS SEUS GESTOS ONDAS, que embalam as crianças de uma margem à outra de uma hipotética bacia hidrográfica entre salvos e submersos. Ou, pelo menos, é o que as mães afegãs devem ter pensado, elas que, nestes últimos dias, ocuparam o aeroporto de Cabul, e tentaram, pelo menos, que seus filhos ultrapassassem a fronteira, rumo à liberdade.

As crianças voam sobre cabeças cobertas por véus, transportadas por mãos, primeiro familiares e, depois, gradualmente desconhecidas, e conquistam, palmo a palmo, literalmente, uma oportunidade de salvação. Quanto mais se afastam de quem as trouxe ao mundo, mais se aproximam da possibilidade de escapar da lei da violência que, como parece inevitável, está prestes a dominar aquelas terras e os seus habitantes. Elas erguem-se acima da multidão, as crianças, depois desaparecem, ressurgem como se empurradas por ondas humanas, feitas de ossos, tendões e músculos, e, finalmente, superam a barreira do

arame farpado ou do muro de proteção. Uma mão as agarra do outro lado e as ajuda a desaparecer do outro lado da cortina, longe dos olhos de quem as trouxe ao mundo. Aquelas mães e pais afastam-nas de si sem nenhuma certeza, confiando-as, apenas, ao destino, na esperança de que possam sobreviver e, talvez, sentirem-se bem e serem felizes longe deles, viajando para uma terra estrangeira, depois de terem desaparecido do seu horizonte, através daquele rio de mãos.

É uma cena de partir o coração, contam os militares britânicos que resgataram as crianças. É uma cena de filme, uma cena épica e ancestral, que tem as suas raízes nos mitos fundadores das mais antigas civilizações, e que, portanto, atinge o nosso imaginário, tanto no plano racional, como no plano emocional e, ainda mais, simbólico. E, precisamente, por isso, nos abala profundamente, porque há tantas histórias naquela cena: está lá a história de Moisés que, num cesto de vime, é confiado, por sua mãe, às

águas do Nilo, para ser salvo da fúria assassina do Faraó egípcio, após este ter mandado massacrar todos os bebês.



Há Rómulo e Remo, filhos de Reia Silvia, abandonados nas margens do Tibre, por ordem do cruel Amúlio. Ali está, também, Sargão, futuro rei da Acádia e fundador de um dos maiores impérios do mundo antigo, entregue ao rio Eufrates por sua mãe, para lhe oferecer uma oportunidade de sobreviver. Os pequenos protagonistas de todas estas histórias estão destinados a salvar-se e a realizar feitos memoráveis, a fundar reinos e liderar povos, apesar da sua situação de fragilidade inicial.

Todos estes mitos, que têm a ver com o sentido do sagrado e são comuns a várias civilizações, falam de um renascimento simbólico, numa terra já não hostil, onde o herói, finalmente, poderá afirmar-se, graças à opção de uma mãe que, no ato de se separar dele, o confia, lhe dá confiança, o torna outro de si mesmo, enfrentando de antemão a maior prova destinada a um progenitor: a do desapego, da separação.

As antigas histórias de crianças confiadas à "providência", a uma mão amiga que cuide das suas necessidades, as acolha, tome conta delas, as alimente e ajude a tornarem-se adultas, estão ligadas por alguns elementos recorrentes: uma fronteira a atravessar - geralmente um rio - uma violência da qual escapar, uma mulher perseguida por uma lei impiedosa. E continuamos a contar-nos esses mitos, em diferentes latitudes e em distintas línguas, porque sabemos que aquela fronteira nos pertence, está dentro de cada uma de nós, que cada uma daquelas mulheres poderia ser um de nós, que cada uma daquelas crianças é um pequeno Moisés, "salvo das águas" e que, para além de cada rio, poderia estar a nossa mão a resgatar aquele jovem náufrago a caminho da sua terra prometida.



«Qual é o medo de um pai que abandona o seu filho nas mãos dos soldados de um país alheio». O BEBÉ DO AEROPORTO DE CABUL

“Quando é que aquele bebé poderá regressar a Cabul? É fácil ficarmos com a impressão de que existe uma geração inteira suspensa no ar, entre um mundo em risco e aquele cujo bem-estar é difícil de sustentar. Não podemos abandonar essa criança, não podemos abandonar os milhões de afegãos que querem viver em paz e liberdade. Mais do que nunca, é urgente estarmos ao lado dessa criança, e fortalecemos com o nosso tempo, atenção e empenho a ponte em que o seu débil corpo se vai tornar. Não vamos abandonar o Afeganistão, não vamos esquecer. Agora que ninguém vai poder ser afegão em liberdade, todos nós temos de fazer algo afegão, a fim de proteger e transmitir o melhor desse povo martirizado. *O Bebé no Aeroporto de Cabul* não é, apenas, o sinal de um mundo agonizante, mas o que temos diante de nós, nessa foto, é o nascimento de um mundo que

quer renascer, fraternalmente, todos irmãos e irmãs”, escreve Fernando Vidal, diretor do Centro de Impacto Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Comillas, em artigo publicado por *Religión Digital*, 25-08-2021. Esta criança que vemos a ser puxado por mãos alheias não é, apenas, um menino, mas é o mundo de amanhã. No seu pranto ressoa o grito do mundo, que se desgarrar ante a tragédia do Afeganistão e tantas outras nas quais se esvai a vida de todos.

A foto é impressionante pela sua simetria. Sob um muro, há caos e terror. Sobre ele, um céu nublado envolve a resignação, a impotência e a estupefação. Os braços dum pai e duma mãe erguem o bebé para o céu. É muito pequeno, o seu corpo dobra-se, ainda não tem força nem para se sustentar a ele próprio. Este jogo de braços, também, é simétrico ao braço que o recebe e o segura no

ar. O bebê já está num país seguro, mas parece que esta brutal reconquista dos talibãs, que estende a sua sombra sobre todo o país, fez com que a foto ficasse parada para sempre, com o bebê suspenso entre dois mundos. Estas duas partes da foto não estão paradas, nem unidas, mas vão-se separando cada vez mais, distanciando-se. Os de baixo são navios que se afundam no talibanismo, sem que possamos salvar esta imensa maioria de náufragos.

O bebê não se solta, não é apenas as suas duas mãos, mas é o seu corpo, a sua identidade, a sua interioridade que se alarga unindo os dois mundos, o seu corpo suportará as distâncias que, depois da burca coletiva, se tornam infinitas.

É difícil para a Europa ver quanto está em jogo nesta perda. A *Operação Liberdade Duradoura* tem um nome que, neste ano de 2021, se tornou um sarcasmo. A retirada para Ocidente, não apenas deixa uma grande área nas mãos do jihadismo, mas constituirá uma imensa fonte de financiamento para o tráfico de ópio e de cristais que, em breve, encherá, mais ainda, as nossas ruas.

É possível que este bebê, um refugiado que irá ser vítima dos processos de exclusão dos imigrantes no Ocidente, que terá uma identidade confusa, num exílio eterno, seja vítima, dentro de quinze ou vinte anos, da droga que o seu país exporta, massivamente, para a Europa ou para a América do Norte? Se não ele, provavelmente muitos como ele.

Até há pouco, as crianças nasciam com um pão debaixo do braço, vinham para um mundo que seria melhor que o dos seus pais. Um mundo onde teriam melhor educação, melhores empregos, melhor saúde, mais democracia. No entanto, já há mais de dez anos que os jovens perceberam que irão viver pior do que os seus pais, que a mobilidade intergeracional é decrescente para a maioria da população. Até ao início do século XXI, tínhamos a convicção de que o nosso mundo estava, gradualmente, a melhorar, que a linha do progresso prosseguia na sua ascensão lenta.

Quando é que aquele bebê vai poder regressar a Cabul? É fácil ficarmos com a impressão de que existe uma geração inteira suspensa no ar, entre um mundo em risco e aquele cujo bem-estar é difícil de sustentar.

Afeganistão, o silêncio dos muçulmanos

"O silêncio do mundo muçulmano surpreendeu toda a gente. Um país, uma sociedade, caiu nas mãos de pessoas que nada sabem sobre o Islão e a sua filosofia. A vitória dos talibãs é o triunfo do obscurantismo religioso, a subjugação das mulheres e o fim da cultura. E tudo isto está a ser imposto a todo um povo em nome do Islão", escreve TAHAR BEN JELLOUN, escritor franco-marroquino, em artigo publicado por *La Repubblica*, 20-08-2021.

É preciso que os islâmicos de todo o mundo reajam a este horrível desvio da sua religião, levado a cabo por criminosos e bárbaros.

Um silêncio ensurdecador dos países muçulmanos acolheu a vitória dos talibãs no Afeganistão. Indiferença ou mera passividade, ou, talvez, um velho hábito de não dizer nada, de não fazer nada, quando o Islão é usado para uma tarefa indigna dos seus valores.

O Qatar, que tem ajudado, discretamente, os talibãs, comporta-se como se nada tivesse a ver com eles. Nem uma palavra. A Arábia Saudita, também não fez nenhum comentário. Ainda assim, há muito a ser dito sobre a maneira como o Islão está a ser desviado, de modo a tornar-se bandeira e ideologia do terrorismo talibã.

Por que é que os povos muçulmanos do mundo não reagem a este horrível desvio da sua religião por criminosos e bárbaros? Por que é que uma instituição como Al Azhar, no Cairo, não se expressa, com firmeza e sem ambiguidades, contra estes bandos de destruidores do Islão? Por que é que temos de assistir, diariamente, ao triunfo do horror

no Afeganistão, bem como em alguns países africanos, sem nos mexermos, sem gritarmos, sem manifestarmos, nas ruas, a rejeição absoluta desta barbárie arrogante e triunfante?

BOKO HARAM significa "livro proibido". Talibãs significa "estudantes". Tanto uns como outros se encontram no túnel do obscurantismo. Ambos os fenómenos se caracterizam pelo ódio aos livros e à cultura. Pelo ódio e pela subserviência da mulher.

Há muito tempo que o Islão vem sendo usado por criminosos como ideologia e bandeira de uma nova ordem, a da submissão e escravidão de crianças e mulheres. Desnecessário será dizer que nada disso existe no Islão, mas que se deixa aberta a porta para a possibilidade de as pessoas acreditarem que o Islão seja assim.

Os textos, lidos com inteligência, isentam o

Islão desses atos de violência. Mas é necessário que todo o mundo muçulmano se mobilize no sentido de rejeitar esses abusos que negam toda a civilização, toda a cultura, toda a humanidade.

Na Nigéria, o BOKO HARAM sequestra estudantes do ensino médio, para induzir os pais a não mandar as suas filhas à escola. Os talibãs traficam drogas para comprar armas e conquistar um país inteiro. Em 11 de março de 2001, o património cultural mundial sofreu danos irreparáveis, com a destruição das estátuas monumentais de Buda em Bamiyan. O mundo muçulmano, ao contrário do mundo ocidental, não reagiu.

Vinte anos depois, os insurretos apoderaram-se das principais cidades sem sequer combater. Cabul rendeu-se. Enquanto tal sucedia, o presidente do país fugia para o exterior. O exército regular afegão é tão corrupto, que nem sequer opôs resistência. Entregou o país a um bando de homens armados até aos dentes, dispostos a impor as suas próprias regras sobre o funcionamento de uma sociedade, em que as mulheres são consideradas escravas dos homens.

Um morador de Baghlan (uma província do norte) relatou que: "Todas as forças do governo fugiram imediatamente após a chegada dos talibãs, sem a menor resistência."

As mulheres fogem antes da chegada dos talibãs. Sabem que serão violentadas ou forçadas a casar-se com um dos chefes. Uma jovem afegã disse à AFP que "chora dia e noite, ao ver os talibãs a obrigar as adolescentes a casarem com os seus combatentes". Chora, porque sabe que destino a espera, se cair nas mãos destes indivíduos.

Por ordem de Joe Biden, os EUA, após vinte anos de presença, retiraram-se desse atoleiro. É caso para perguntar por que razão embarcaram eles nesta aventura. Os vários líderes americanos nada aprenderam com a derrota no Vietname

Claro, houve primeiro a intervenção soviética, depois a luta contra o comunismo e o ateísmo da Arábia Saudita e, finalmente, a chegada dos EUA,

com a intenção de treinar o exército afegão para defender o país da barbárie. Um fracasso em todas as frentes. A guerrilha urbana tem mais recursos do que a guerra convencional. E, assim, o Afeganistão irá tornar-se o centro do terrorismo à escala global.

Os europeus temem um afluxo maciço de refugiados afegãos. O Irão já recebeu três milhões e meio de afegãos em fuga, e o Paquistão um milhão e quatrocentos mil. Os europeus estão dispostos a dar dinheiro a estes dois países, em troca da aceitação de refugiados. O medo de ver famílias afegãs chegarem ao solo europeu é real. Para estes milhões de refugiados o asilo político já não funciona.

O mundo testemunhou a derrota de um exército e de um estado, em poucos dias. Fala-se que alguns governadores negociaram com os insurretos a sua fuga, deixando as cidades ao dispor dos talibãs. O mal vem de longe. A corrupção e a falta de legitimidade dos governantes contribuíram para a rápida vitória dos talibãs.

TALIBANISMO / IDOLATRIA: o maior inimigo de Deus

É claro que, no Afeganistão, existem interesses políticos e económicos, como reconhecem alguns líderes religiosos. Mas no fundo, inclusivamente no fundo desses interesses, o que há é uma utilização de conceitos religiosos, como tenta desmascarar o teólogo FAUS:

REPARE-SE NA FORMA COMO falamos, nestes últimos dias, muitos meios de comunicação social, a propósito do Afeganistão: fica-se com a sensação de que **isso dos talibãs (plural da palavra árabe *talib* que significa estudante) é algo intrínseco ao Islão** e próprio de países menos civilizados.

E, contudo, sem cairmos em juízos de valor e, numa perspetiva meramente descritiva, há que matizar as questões: em primeiro lugar, que **tão muçulmanos são os talibãs como os sufistas. Só que, entre os sufistas, não deparamos o mínimo vislumbre de condutas semelhantes às dos talibãs.** Depois: para além do especificamente religioso, creio que, nas nossas sociedades modernas, existem formas de um **“talibanismo laico”**, de que falarei a seguir.

De facto, *o talibanismo é a manipulação do Absoluto em proveito próprio, apresentada como serviço Absoluto. É uma mistura de fanatismo cego e intolerância radical*, que me parecem ser as duas componentes mais típicas da mentalidade talibã, e

que desencadeiam uma segurança muito distinta da verdadeira fé. (Que essa intolerância chegue, ou não, à violência física, é algo que pode depender de ambientes e estruturas históricas. Mas, o certo é que os talibãs podem sentir-se autorizados, em nome de Deus, a usar a violência: e seria este o primeiro sinal da corrupção da sua religiosidade).



Os talibãs toman o controlo de Afeganistão.

O talibanismo é, portanto, sem dúvida, **uma tentação mais típica do mundo religioso**. Mas também se observa fora dele: é que o ser humano tem uma tendência inata para a fabricação de absolutos: Lutero dizia que o nosso coração é um coração idólatra, porque, como tem necessidade de Deus, tem de fazer um deus de muitas coisas. E se não, vejamos alguns exemplos.

O capitalismo é um sistema talibã (o máximo lucro individual apresentado como serviço social; e as vítimas são-no por culpa própria: por não acreditarem na providência divina do deus mercado). A indústria das armas é uma das maiores idolatrias e falsos absolutos da nossa sociedade laica e moderna: tão absolutista como a mentalidade talibã sobre as mulheres (ainda que, paradoxalmente, pareça ter contribuído para a derrota do Ocidente no Afeganistão...).

Netanyahu encarna um autêntico talibanismo, não islâmico, mas judeu.

O franquismo foi um claro exemplo de talibanismo católico; e já muitas vezes afirmei que o drama da política espanhola é não conseguirmos ter uma direita civilizada – tipo Merkel, por exemplo -. E se olharmos para a Igreja, **os “autos de fé” da inquisição espanhola** eram verdadeiros atos talibãs. Como o era, também, a mentalidade daqueles papas do século XIX, que encaravam os direitos humanos como contrários aos direitos de Deus (que eram... os do sistema eclesial da época), sem vislumbrarem, sequer, que o Deus bíblico se revela, precisamente, na defesa dos direitos dos oprimidos. Para já não falar do talibanismo do senhor Trump...

Perante esta perspetiva, vêm-nos à lembrança as palavras de Jesus: “quem de vós estiver sem pecado, que lhe atire a primeira pedra”. Mas como me interessa mais o aspeto religioso do tema, prefiro citar outras palavras de Jesus, no quarto evangelho, que julgo definirem bem os talibãs: “os que os matarem julgarão estar a prestar um

serviço a Deus, e fá-lo-ão por não conhecerem a Deus “. (16,2). *Esta distinção entre crer em Deus e conhecer a Deus, é decisiva.*



Cenas da Inquisição. Francisco Goya

S. João da Cruz contribui para explicar a questão ao escrever que “quanto mais a alma se aproxima de Deus, mais sente em si o vazio de Deus “.

Naturalmente que se trata de um vazio muito diferente da mera ausência, ou desconhecimento, ou negação: do mesmo modo que – ainda S. João da Cruz – a noite se torna “mais amável do que a alvorada”. Mas é, precisamente, esse vazio que evita que o nosso ego pretenda apoderar-se de Deus, e que lhe suceda o que nos é apresentado numa forma tão gráfica: “o apetite é como o fogo que aumenta quando se lhe lança mais lenha”, e que, quando a tiver consumido, desfalece e necessita de mais. Por isso, acrescenta ele, muito simplesmente, numa das suas máximas: “quem não ama o seu próximo, a Deus odeia”. E Jesus forneceu-nos a chave da leitura desta frase, ao explicar-nos que o próximo não é o que está junto de mim, mas sim o que necessita que eu me aproxime dele.

Este Deus como Mistério infinito e não como ídolo finito, é a única instância

que despoja toda a fé religiosa da citada dupla ameaça ou tentação de fanatismo e intolerância, típicas quando a fé no absoluto se perverte numa absolutização própria. A parábola bíblica de Jonas (que já uma vez classifiquei como “uma heresia transformada em palavra de Deus”) pode ser qualificada como uma doutrina anti talibã. Mas, por agora, prefiro fixar-me noutra coisa, para terminar.



Idolatria do Dinheiro

Creio que estas reflexões permitem ligar o que hoje chamamos talibã **com o que a Bíblia qualifica como idolatria**, apresentando-a como **o maior inimigo de Deus** (maior do que o próprio ateísmo, se é que este se consegue libertar de toda e qualquer idolatria tácita: a da pátria, a do dinheiro, a do sexo, a da violência e, em definitivo, a do próprio ego). Sobretudo, quando os profetas bíblicos vão descobrindo que a idolatria mais perigosa não consiste, simplesmente, em adorar um deus falso, mas em *adorar falsamente o Deus verdadeiro*.

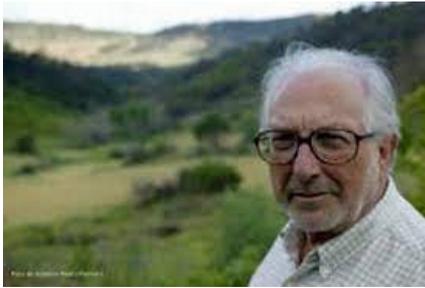
Concluindo: os atuais talibãs que se apoderaram do poder no Afeganistão, não são, em absoluto, as pessoas mais religiosas e as mais defensoras de Deus, mas sim idólatras, pecadores e inimigos de Deus. Recorrendo ao

significado da palavra (estudantes), é caso para dizer que os talibãs são autênticos noviços: tão fervorosos como ignorantes. E esta nossa opinião não suscitará neles o mais leve temor ou suspeita de estarem a proceder mal. Pelo contrário: convencê-los-á da necessidade de acabar, quanto antes, com quem tal afirma.

Mas, também, acredito que esta conclusão possa ser insuficiente para um verdadeiro crente: porque (pondo de parte o facto desta conclusão poder arrastar-nos para o binómio fanatismo-intolerância), e se acontecesse que, apesar desta perversão coletiva, houvesse entre eles pessoas com um coração mais limpo do que muitos dos nossos? Cegas talvez, mas não autocegas, como tantas vezes nós somos.

NB) Estas linhas foram concluídas antes dos selvagens atentados do passado dia 26 de agosto, que nos revelam haver algo ainda pior do que o talibanismo: o ódio puro e duro do terrorismo, com todo o desprezo pelas vítimas dos seus atentados. Talvez porque, no talibanismo, ainda reste uma referência a Deus, mesmo que deformada. O terrorismo, pelo contrário, é intrinsecamente ateu, porque o assassino ocupa todo o Seu lugar (é, possivelmente, o caso da ETA), ou intrinsecamente blasfemo (como é o caso do grito do Daesh “Alá é grande”, em que o único grande é o terrorista).

JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS. Teólogo
Religión Digital (27.08.2021)



Pedro Tamen

"Um pequeno pedro a correr pelo campo / entre latadas outras, com suas ágeis mãos, / haveria, seria, teria sido, iria / correndo, correndo, correndo até um dia. / Cresceria rosado, entre tosse e sarampo, / teria pé ligeiro e apetites são / entre garfo e colher, entre ver e viver, / haveria, haveria, entre nada e não ser" (*Rua de Nenhores*, p. 69). Revisitamos o "pequeno pedro", e não esquecemos o que nos legou em palavra e sentido. E isso leva-nos a revisitá-lo, porque continua a marcar os nossos dias. Quando António Alçada Baptista transformou a Livraria Morais da Rua da Assunção num polo de renovação humana e religiosa, Pedro Tamen entrou como seu sócio, juntando-se-lhes João Bénard da Costa, Nuno Bragança, Luís de Sousa Costa, Helena e Alberto Vaz da Silva. Foi então que, vindo da revista universitária *Encontro*, lançou o célebre Círculo de Poesia, que ostentava o inesquecível símbolo solar de José Escada. Aí publicou *O Sangue, a Água e o Vinho* e animou as coleções Círculo do Humanismo Cristão e *O Tempo e o Modo*. À "poderosa força da inércia" havia que contrapor, com determinação, a "frágil força da mudança", e um grupo

de jovens propôs-se agitar as águas no pensamento e na ação. Pedro Tamen formulou o programa - simples e claro, em palavras emblemáticas: "A ação começa na consciência. A consciência, pela ação, insere-se no tempo. Assim, a consciência atenta e virtuosa procurará o modo de influir no tempo. Por isso, se a consciência for atenta e virtuosa, assim será o tempo e o modo." A Morais afirmou-se como pioneira na reflexão dos grandes temas do Concílio Vaticano II e a revista *O Tempo e o Modo* concretiza-se em 1963. António Alçada Baptista é proprietário e diretor, João Bénard da Costa, chefe de redação, Pedro Tamen, editor, contando com a participação de Nuno Bragança, Alberto Vaz da Silva e Mário Murteira. Era uma revista que seguia os passos de Emmanuel Mounier, que fizera em 1932 a revista *Esprit* como um lugar de encontro de católicos e não católicos. Daí a entrada de Mário Soares, Francisco Salgado Zenha e do jovem dirigente estudantil Jorge Sampaio.

Tenho lembrado em várias ocasiões esse momento. Pedro Tamen é um elemento essencial nessa história de "Grandes Amizades", clássico e moderno. A experiência de editor e de grande poeta associaram-se naturalmente à consciência pessoal e cívica de um cultor ativo da liberdade. E o quarto de século na Gulbenkian é exemplo de exigência e abertura de pistas novas. Foi sempre poeta e foco de renovação. António Ramos Rosa, com quem trabalhou na Morais, afirma: "A poesia de Pedro Tamen é um incessante exercício de liberdade que corre o risco de se perder na insignificação total e por outro lado uma busca permanente de uma frescura inicial que é a frescura da dimensão do instante recuperado na sua

transparência." (...) "Vejo (nele) uma das mais sérias tentativas para dar à atividade poética aquele sentido do sagrado, sem o qual não se pode atingir a verdadeira dimensão interior." A liberdade do poeta é sempre dupla: respeita à autonomia e à responsabilidade da pessoa, mas também ao domínio da palavra e à exigência de renovação da língua, no campo poético ou no rigor da tradução, de que foi exímio mestre. Por isso, preferiu ser um poeta claro, em vez de

hermético. No caminho da poesia, a evolução do espiritual para o concreto pressupôs uma especial coerência, que nem sempre foi notada, já que "a situação do poeta é em tudo comparável à situação do místico, porque, no fundo, tanto um como o outro têm a noção, têm a visão - a visão é a palavra - desse outro mundo misterioso. E tanto um como outro (...) esbarram na impossibilidade de o exprimir, e sentem como seu limite, efetivamente, o silêncio".

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS. Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian
Diário de Notícias (03 Agosto 2021)

Naquele tempo

Naquele tempo, viver era a melhor coisa do mundo.
Quando nascia o sol todas as pessoas viam
e os homens eram crianças para além dos montes.
Era uma planície, grande como convém a todas as planícies
E plana porque tudo estava certo.
Naquele tempo tínhamos sido criados e éramos iguais às ervas e às flores.

Tu,
tão perfeita que era impossível não seres,
tão erguida como um riso de andorinha,
tu estavas ao meu lado, naturalmente fresca,
e não havia motivos nem razões porque sabíamos tudo.
A nossa teologia era o beijo da criança mais próxima
e ao deitarmo-nos na terra como folhas da mesma planta,
gratos, reduzidos, conscientes.
Olhando para cima, o céu abria-se e todos os Anjos vinham sentar-se no rebordo
e riam como nós pequenas gargalhadas.
Eu cantava canções mais belas do que não tendo palavras
e ouvias-me em silêncio e de olhos abertos exactamente como a todos os sons.

PEDRO TAMEN (1934-2021)
Os Dias em Tábuas das Matérias